

O CANDOMBLÉ DE ANGOLA: RESISTÊNCIA E RESSIGNIFICAÇÃO

Roberto Francisco de Oliveira, Irene Dias de Oliveira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Introdução

Discorrendo sobre a gestação étnica do povo brasileiro, o antropólogo Darcy Ribeiro em *O povo brasileiro* narra o desembarque das levas sudanesas, já descritas por Arthur Ramos e Nina Rodrigues, vindas da costa ocidental africana, nos portos nacionais. Mas os negros nagô não foram os únicos confinados na travessia transoceânica: a eles sucederam-se os malé islamizados e outros segmentos. Por fim, aterrou-se aqui o terceiro grupo cultural africano: os bantu, denominado congo-angolês por essa mesma obra de Darcy. E foi assim o povo brasileiro se formando da miscigenação portuguesa com os índios autóctones e os africanos escravizados. Sem perfeita simbiose, antes em desvantagem para os indígenas e para os negros, os estudiosos atestaram uma troca de elementos culturais em fusão uns com os outros, resultando, no terreno religioso, o que se convencionou chamar de sincretismo. O sincretismo religioso no Brasil fez nascer a umbanda. Representa o umbandismo objetivamente a harmonização ameríndia com os brancos e negros. O candomblé, ao contrário, não se fia no equilíbrio religioso entre a casa grande e a senzala. Não discutiremos se, sociologicamente falando, se impõe propositadamente como foco de resistência ao cristianismo oficial. Isso é outra questão. Mas certo é que o candomblé brasileiro se entende como realidade religiosa transplantada da África. Vê-se como um recorte da África no Brasil. Não deseja, pois, caracterizar-se como patrimônio nacional brasileiro. Não deseja, mas se fez. Inculturou-se. Assim, não podemos ingenuamente sustentar uma equivalência radical entre a África continental e a África brasileira. O candomblé aqui incrustado teve que se configurar à natureza dos trópicos. Adquiriu, portanto, feições particulares. Podemos resgatar algumas particularidades do candomblé abrazeirado. O Brasil encarnava o espírito da África. Não era preciso saltar para o outro lado do mundo em busca do patrimônio religioso negro. Dentro da nossa terra vislumbrava-se a mentalidade de uma gente tão diversa da nossa, que se mesclara à nossa e se tornara nossa. No entanto, os intelectuais franceses e brasileiros que se detiveram a estudar o mundo do candomblé, concentraram seus esforços na apreensão de um tipo de candomblé. Sobre os outros candomblés, quase não há produção científica. OBJETIVOS: Verificar como a religiosidade iorubana do candomblé sudanês influenciou a prática do candomblé de Angola no Brasil. Estudar a estrutura panteônica dos deuses angolanos de modo comparativo com as divindades iorubanas. Decifrar as técnicas empregadas do sistema divinatório afro-angolano (jogo de búzios) em correlação com o merindilogum (jogo de búzios nagô). Analisar a religiosidade no seu aspecto ético como consequência de sua forma doutrinal.

Métodos, procedimentos e materiais

O trabalho se realizará através de um referencial teórico e por meio de investigação prática, *in loco*. Foi-nos consentida, no terreiro onde desenvolveremos a pesquisa, a participação nas sessões públicas e também foi-nos autorizada a entrada em alguns rituais de caráter privado. Como olhador, aplicando entrevistas e por conversas informais colheremos os dados que serão confrontados com as referências bibliográficas que dispomos. O terreiro que nos cedeu permissão de pesquisa pertence à nação Bate-Folha do Candomblé de Angola. O chefe-de-terreiro chama-se Ailton Oliveira Campos, intitulado Tata Nkisi Kafulanje. Seu centro se localiza na cidade de Uberaba-MG.

Resultados e discussão

Delimitamos a análise de nossa pesquisa, focalizando os aspectos que julgamos principais no sistema de crenças candomblecistas da matriz Angola. Assim, consideramos como essenciais três elementos que modelam a identidade dessa raiz e que, ao mesmo tempo, juntos fornecem uma visão totalizante da religião pesquisada. O primeiro elemento, que perfaz o núcleo do tema, é o teológico. É imprescindível navegar pelos mares africanos, desbravando os horizontes do imaginário negro: o Ser divino com sua constituição e derivação; a força dos elementos da natureza; a afetação do *spiritus* divino no *anthropos*. Ora, tantas informações podem ser percebidas na literatura acadêmica existente dos sistemas nagô. Cumpre verificarmos se essa bibliografia permanece válida quando trafegamos para a outra margem do candomblé, a saber, a consciência bantu. Somente o testemunho dos iniciados esclarecerá essa dúvida. Nessa discussão teológica, compete-nos verificar se existe perfeita identificação, alguma semelhança ou completa disparidade no elenco de divindades iorubanas e angolanas. E mais profundamente: se as ditas qualidades de santo coincidem entre as duas matrizes. O exame da tipologia panteônica pode detectar uma real aproximação entre os candomblés estudados ou, ao contrário, evidenciar desigualdades tamanhas que se precisaria rever o limite conceitual do termo candomblé, o qual singulariza tanto o rito nagô como o angolano, salvo se a noção de candomblé se concentre demasiadamente nos fundamentos ritualísticos e

secundarize a teologia das divindades. Outro elemento a ser apreciado na composição do tema é o eixo da interpretação divinatória. O exercício do entendimento da fala divina é coisa central para o africanizado. O céu (òrun) e a terra (àiyé) estão em contínua comunicação. Como recebem os africanos os recados divinos? Como saber o que querem as divindades a nosso respeito? Ora, tanto os nagô como os bantu desenvolveram um sistema oracular. Queremos saber se a produção literária que trata do merindilogum se aplica aos cawrins da Angola. É verdade que esse estudo hermenêutico não passa de uma subdivisão da teologia candomblecista, mas constitui assunto tão melindroso que, achamos, reclama uma discussão separada. Dissemos que o spiritus influencia o anthropos. Esse dado não pode passar despercebido. Para se elevar ao status de religião, o sistema candomblecista deve fazer sua doutrina exorbitar do terreno teórico e atingir o pragmático. Como podemos imaginar o mundo dos orixás interpenetrando o plano existencial do humano? Pode-se derivar, do sistema teológico angolano, um substratum comportamental? Sendo afirmativa a sentença, perguntaríamos ainda quais pontos da moral a ética religiosa cercaria.

Conclusão e referências

O estudo do negro é sempre trabalho pertinente aos acadêmicos brasileiros uma vez que a compreensão da nossa nacionalidade a ele se vincula. Nossas origens e identidade se prendem e se condicionam à nossa ancestralidade africana. Dessa forma, quanto mais surgirem pesquisas que contemplem as nossas matrizes africanas, européias e indígenas, mais saberemos a despeito de nós mesmos. Hoje contamos com estudos avançados e interessantes que revelam o papel social e político e, por vezes, revolucionário, do negro no Brasil. Contudo, a religião cultuada pelos escravos e, posteriormente, pelos libertos não teve tratamento similar em nossas universidades. Em geral, muito se falou em animismo africano, com base em valores cristãos, obviamente depreciando e estabelecendo falsas analogias entre candomblé e feitiçaria. Um olhar mais científico, despido de preconceitualizações faz-se urgente. Já houve avanços no estudo dos candomblés nagô. Assim, a necessidade desse estudo reside na precariedade bibliográfica disponível sobre os cultos de Angola no Brasil. Já dissemos que a maioria absoluta dos nossos especialistas se concentrou em compilar tratados voltados para o candomblé iorubá. Provavelmente assim procederam porque foram os nagô que influenciaram a tipologia nacional dos candomblés. Mas isso não diminuiu, contudo, a variedade dessa religião no Brasil. Muito da nossa cultura popular encontra sua gênese na influência banta, como atesta Edison Carneiro: “Os negros bantos, na Bahia, introduziram os cucumbis (o auto dos Congos), as festas do Imperador do Divino, o louvor a São Benedito, etc., já estudados por pesquisadores vários, e – conforme o resultado das minhas pesquisas pessoais, - o samba, a capoeira de Angola, o batuque, as festas do boi, autos, danças de conjunto, lutas e festas populares comuns a todo o Recôncavo e mesmo à zona litorânea do Estado. A sua influência se estendeu, ainda, à própria religião, - até então monopólio dos negros jeje-nagôs, - criando os atuais ‘candomblés de caboclo’, tão ricos de sugestões para o estudioso da etnologia religiosa afro-brasileira”.

BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. Trad. Maria Eloisa Capellato e Olívia Krähenbühl. 3 ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais). _____. Estudos afro-brasileiros. Trad. Maria de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Perspectiva, 1973. _____. Le sacré sauvage: et autres essais. Paris: Éditions Stock, 1997. _____. O candomblé da Bahia: rito nagô. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. _____. Sociologia e Psicanálise. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Melhoramentos/ Ed. Universidade de São Paulo, 1974. BENISTE, José. Jogo de búzios: um encontro com o desconhecido. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. _____. Mitos yorubás: o outro lado do conhecimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. _____. Òrun Àiyé: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagô-yorubá entre o céu e a terra. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. BIRMAN, Patrícia. O que é umbanda. São Paulo: Abril cultural: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, 34). CARMO, João Clodomiro do. O que é candomblé. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Passos, 200). CARNEIRO, Edison. Candomblés da Bahia. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. _____. Ladinos e Crioulos: estudos sobre o negro no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964 (Retratos do Brasil, 28). _____. Religiões Negras: notas de etnografia religiosa / Negros Bantos: notas de etnografia religiosa e de folclore. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. CNBB, Leste 1. Macumba: cultos afro-brasileiros: candomblé, umbanda, observações pastorais, 1972. COSTA, Valdeli Carvalho da. Umbanda: os seres superiores e os orixás/santos. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 1983. (Coleção fé e realidade, _____. Umbanda: os seres superiores e os orixás/santos. Vol. 2. São Paulo: Loyola, 1983. (Coleção fé e realidade, COSTA, José Rodrigues da. Candomblé de Angola: nação Kassanje: história, etnia, Inkises, dialeto litúrgico dos kassanjes. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1996. CROATTO, José Severino. As

linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião. Trad. Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção religião e cultura). D'ÔSÓSI, Gilberto. Omolokô: uma nação. São Paulo: Ícone, 2010. DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989. ELIADE, Mircea. Le sacré et le profane. Paris: Éditions Gallimard, 2007. _____. Mito do eterno retorno: cosmo e história. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992. _____. Tratado de história das religiões. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. 5 ed. Porto: Asa, 2004. FILHO, Luiz Vianna. O negro na Bahia: um ensaio clássico sobre a escravidão. 4 ed. Salvador: EDUFBA; Fundação Gregório de Matos, 2008. FREITAS, Byron Torres de. O jogo de búzios. 15 ed. Rio de Janeiro: Eco. FREYRE, Gilberto. Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 21 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981. IANNI, Octavio. As metamorfoses do escravo: apogeu e crise da escravatura no Brasil. 2 ed. Curitiba: Scientia et Labor, 1988. LATELLI, Laura M. A prática do candomblé de Angola: o omolocô, o cabula, os embandas, os Luanda-quiocos. Rio de Janeiro: Eco, 1986. LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Trad. Tânia Pellegrini. 3 ed. Campinas: Papirus, 2002. LIMA, Vivaldo da Costa. A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais. 2 ed. Salvador: Corrupio, 2003. LINARES, Ronaldo Antonio. Jogo de búzios. São Paulo: Madras, 2007. LÜHNING, Angela (org.). Verger-Bastide: dimensões de uma amizade. Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Bertra.

Palavras-chave: religião; candomblé; África.

Contato: perobertofco@hotmail.com